

apresentação

Por acaso, comecei a escrever esta apresentação na boca de uma caverna de montanha no México central. Meu plano era comparar o aprendizado de Simon Buxton, como relatado em O antigo mistério feminino da sexualidade sagrada – o xamanismo da abelha, com a jornada fascinante e elusiva de Carlos Castaneda, e reunir os lampejos brilhantes que permeiam seu trabalho mágico. Pensava haver importantes comparações a serem traçadas entre o mestre de Simon, Bid Bem Bid Bont (Ponte), e o neo-mítico mestre de Castaneda, Don Juan e aspectos dos ensinamentos enunciados por esses dois misteriosos arquétipos vivos. Decidi então enfatizar que nossa busca por caminhos de transformação deveriam começar em casa e que até o mais humilde dos jardins exsuda poder e goteja segredos mágicos. Meu propósito final era contrastar a natureza bela, mas inconsistente, dos contos de Castaneda com a honestidade absoluta que é a marca da vida e do ser de Simon.

A entrada desta antiga caverna mexicana era um contexto perfeito para o tema. Eu me acomodei com meu caderno de notas, diante do profundo azul do céu, das montanhas distantes e do vasto chaparral pontuado por cactos semelhantes a longos dedos apontados para o céu. Sincronisticamente, um falcão branco seguia os círculos escondidos no vórtice do vento acima de mim. Perdido em devaneios profundos e pessoais, deixei que meu tema pesado e pré-concebido caísse ao chão empoeirado da caverna e me volvei para olhar a escuridão atrás de mim.

Naturalmente eu não estava sozinho. Meus companheiros não eram seres inorgânicos, nem eram fantasmas de Carlos, de don Juan, sentados imóveis como sombras de pedra. Em vez disso, uma colmeia natural pendurada na rocha acima de mim puxou meu espírito para uma realidade separada, antiga e extremamente alienígena, extinguindo os pronunciamentos triviais que trouxera comigo. As abelhas haviam construído uma catedral em reverso a partir da face da rocha e, de acordo com uma ética muito mais antiga do que a que denominaríamos primordial, estavam prosseguindo em suas tarefas sem descanso e incondicionalmente, a despeito de minha presença. Eu sabia o perigo que corria; elas me toleravam e davam permissão para minha presença. Nesta parte do mundo tem havido mortes mesmo entre caminhantes experimentados das comunidades indígenas locais devido a encontros infelizes com a mesma espécie que trabalhava acima de mim. O mandato delas é preservar seu mundo, e cada membro da comunidade estaria imediatamente preparado para morrer, se necessário, para atingir este objetivo. Acatei o aviso de Simon – do texto do Mestre Abelha – e permaneci relaxado e imóvel. Uma ou outra abelha ocasionalmente zunia em minha direção e retornava à colmeia, satisfeita, no momento, enquanto meu nível de ameaça fosse tolerável. O zumbido da colmeia e o movimento das abelhas serviram para me distanciar de minha estratégia e me permitiram enxergar mais profundamente as implicações dos ensinamentos revelados pelo Caminho do Pólen.

Não há a menor necessidade de procurar apoiar o livro de Simon na referência a Carlos Castaneda. Não é preciso encontrar um padrão de modo a atrair o leitor hesitante. Simon e

seu professor penetram um antigo poder e um paradigma e, através deste fundamento e um proceder impecável, eles são perfeitamente capazes de se firmarem por si mesmos. Com esses recursos pré-primordiais, eles prosseguem mergulhando o leitor em níveis incandescentes junto à totalidade de mitos e cosmologias que permeiam pedras e ossos, as árvores e arbustos, a relva e os jardins da Bretanha. Simon tem uma enorme afeição por este país de leite e mel e sua herança antiga, sua sabedoria adormecida e numinosa. Ele, com cuidado, desperta o dragão adormecido e mostra como sua longa cauda e suas amplas asas abraçam as raízes da história, colhidas na beleza da cosmologia arcana e nos mistérios dos espíritos ocultos em nossas colinas. Ainda assim, ele não para por aí. Ele constrói uma ponte sobre o abismo que separa os mitos celtas dos gregos e viaja pela pré-história para explorar os elos entre os mitos mais profundos desta terra e suas implicações, conforme trabalha para expandir o tempo e o cosmos e descobrir a essência.

O propósito de Simon não foi escrever uma etnografia acadêmica. Não obstante, ele aborda a escrita deste livro com precisão e honestidade, a despeito do fato de, no assunto que trata, ser impossível manter nossa linguagem fluída de modo consistente para capturar as experiências derivadas de um paradigma que precede em muito nosso desenvolvimento linguístico. Enquanto Simon tomou precauções para basear alguns dos eventos chave do texto dentro de meu próprio tempo e espaço, a necessidade de tal corroboração não é minha prioridade. O teste mais importante é o homem natural ele mesmo: ele é comum e extraordinário, um homem cuja característica é a luta, com consistência e honestidade corajosa, para ir ao encontro dos desafios de seu próprio caminho nobre.

Por isso, eu não preciso dar nenhuma garantia a respeito deste livro, ou testemunhar as maravilhas nele descritas, este é o caminho de Simon e somente seu caminho. Como já disse, e como as abelhas me revelaram, tanto Simon quanto seu notável mestre podem se sustentar por si sós e encará-los sozinhos.

Sorva esta viagem com uma atitude nem de crença nem de descrença e deixe que ela opere seu poder transformador através de você. Dê um tempo para se acalmar e permitir uma mudança, de modo que as palavras possam penetrar você no instante intermediário, entre um momento e outro. Leia o livro com os olhos fechados e cheire o jardim, escute as flores crescerem e morrerem, e sinta os leves pezinhos das aliadas do Mestre Abelha gentilmente caminharem sobre sua pele. Perceba seus segredos diretamente. Se você conseguir encontrar o caminho para enxergar por entre os véus das Melissas e além dos muros rachados, verdes e resplandecendo com pétalas, do jardim, você poderá chegar àquele lugar no qual o zunido das colmeias lhe dá boas vindas. Então entenderá o privilégio que é ler este livro.

Professor S. R. Harrop

Diretor do Departamento de Antropologia

Universidade de Kent, Inglaterra

1 ontem à noite,1 enquanto eu dormia

Anoche cuando dormíasoñé, ¡bendita ilusión!,que una colmena tenía dentro de mi corazón;y las doradas abejas iban fabricando en él,con las amargas viejas blanca cera y dulce miel.

Antonio Machado “Anoche cuándo dormía”

Não há sons claros, só o distante barulho do sangue martelando em meus ouvidos, um sinal de que ainda estou vivo. Em certos momentos percebo uma canção, mas do mundo exterior nenhuma imagem penetra. Estou sozinho aqui, pequeno e assustado, perdido em uma nevasca de luzes brancas contra o céu escuro de meus cílios.

Não sei há quanto tempo estou aqui. Tenho nove anos de idade, e o mundo está deste jeito há dias. Só anos mais tarde vim a conhecer a denominação que se atribui a esta condição: encefalite, um vírus que ataca o cérebro. No momento, nomes e rótulos não fazem sentido. Tudo que percebo é a escuridão e a quietude.

E então uma face aparece, um rosto que penso reconhecer. Um homem idoso sorri para mim enquanto vagueio pela paisagem do sonho, chorando as lágrimas silenciosas e medrosas de um menino pequeno, em pé à beira de uma vasta queda para a morte. “Não há nada a temer, pequeno” ele diz. As palavras são pronunciadas em alemão. Ele segura minha mão. Juntos pulamos no abismo. Mas nunca aterrissamos; eu abro meus olhos e olho em seus olhos. Eles não são mais os olhos de um ser humano. Estou contemplando olhos formados por inúmeras e magníficas lentes hexagonais, cada uma delas capaz de enxergar o fundo de minha alma! Estes são os olhos de uma abelha, e nós estamos voando.

Sem esforço, chegamos ao outro lado do abismo e suavemente flutuamos para a Terra. Olho de novo para aqueles olhos e agora eles são humanos, eu os conheço. São os olhos de um amigo.

Ele sorri para mim. “Kleine Bubbe, alles ist in Ordnung. Habe keine Angst,” ele sussurra. “Pequeno, tudo está bem agora. Não há nada a temer”.

Dois dias depois deste sonho, sinto-me bem o bastante para me alimentar. Uma semana depois estou fora da cama e volto a ser um menino cheio de vida.

Decido, então, visitar meu amigo Herr Professor depois de tanto tempo longe dele. Caminho pelos bosques que separam nossas duas casas isoladas, passo pelas colmeias que ele

tem em seu jardim, chego até a porta de madeira escura. Antes que eu possa bater, a porta se abre e Herr Professor sorri para mim.

“Ah, pequeno”, ele diz, “como é delicioso ver você. Pronto! eu lhe disse que não havia nada a temer.”

Eu conhecera Herr Professor dois anos antes disso, quando minha família se mudara do norte da Inglaterra para as florestas de Viena, na Áustria. A sua era a única outra casa no raio de um quilômetro e meio de nossa propriedade – se é que se podia chamar aquilo de casa. Era mais um casamento entre um chalé tirolês e uma cabana na selva. Estava localizada na floresta local, escondida por uma vegetação rasteira de dar arrepios que ele cultivava pouco de modo a que permanecesse o mais selvagem possível. Ele sempre preferiu ser parte do meio circundante ao invés de dominá-lo.

Meus pais haviam feito amizade com Herr Professor quando nos mudamos para nossa casa. Reconhecendo-o como um homem culto, pediram-lhe que me ensinasse alemão. Ele concordou, feliz, mas no fim de contas estudávamos pouco a língua. Em vez disso, tínhamos aventuras, explorávamos a floresta inculta nesse estranho território novo. Ou então ele permitia que eu tocasse um de seus vários tambores imensos e lisos, tambores de Tuva, ou da Lapônia, ou de outros locais distantes de nomes estranhos que soavam confusos. Algumas vezes ele me mantinha enfeitado ao contar histórias de suas aventuras nas selvas do México ou do Peru, ilustrando a palestra com jaguares, serpentes e pirogas; rituais extáticos e ritos da lua cheia; com os curiosos objetos de poder que trouxera para casa: lanças e escudos, pedras e videiras e, o que me parecia o mais fascinante, uma cabeça encolhida proveniente de uma misteriosa tribo amazônica.

Nós ficamos amigos na mesma hora. No isolamento dos bosques, eu estava contente em ter alguém com quem pudesse conversar e com quem fazer caminhadas. Aquele sábio homem partilhava seu conhecimento tanto da floresta quanto do mundo, ele me revelava a riqueza dos dons que continham. Herr Professor vivia há tanto tempo em solidão que minha exuberância juvenil era uma alegria para ele, a minha companhia fonte de entretenimento tranquilo.

Claro, eu não o conhecia então como um professor – embora eu sempre me referisse a ele empregando o título – mas como amigo. Mais tarde fiquei conhecendo sua verdadeira identidade. Ele fora um professor universitário, um homem extremamente respeitado que

lecionou para centenas de estudantes durante quase meio século, e havia viajado o mundo em busca de uma verdade pessoal. Havia percorrido os cinco continentes habitados e os cantos mais longínquos da Terra. Havia morado com povos indígenas, adotado seus estilos de vida simples até que o estudo científico cedera lugar à crença pessoal e um imenso respeito surgira após observar os xamãs e homens sábios das tribos desempenharem milagres cotidianos que desafiam as leis da ciência Ocidental.

Ele trouxera os dons dessa compreensão para sua universidade, e seus estudantes deles se beneficiaram. Mas, na volta, do mundo exterior trouxera algo mais: os poderes do xamã. Em seu respeito e admiração por esses homens de poder “selvagens”, ele trabalhara com eles e finalmente havia sido iniciado no mistério que estão no cerne de suas tradições. Em particular, ele aprendera os segredos de um caminho xamanístico muito antigo e secreto do qual perdemos quase toda notícia: uma linhagem que trabalha com o poder das abelhas manifestarem seus milagres no mundo.

Apesar de ter se aposentado da vida acadêmica e já estar na casa dos oitenta, ele permanecia tão vital e vigoroso como um homem da metade de sua idade. Em vez de buscar um reconhecimento altivo como erudito nos círculos acadêmicos, ele escolhera rejeitar este falso símbolo de status e se tornar de novo uno com a natureza, simplificando sua vida de modo a permitir que as forças naturais fluíssem através dele e o conectassem com o mundo do verdadeiro poder.

Aquele mundo estava por toda parte à nossa volta. Ursos² e javalis selvagens cruzavam as florestas. A maioria das pessoas não gostaria de se encontrar com tais criaturas: suas patas e mandíbulas podem matar alguém se elas se assustarem ou forem provocadas. Meu pai me avisara para ter cuidado – mas elas amavam Herr Professor.

Um dia, enquanto caminhávamos, observei, fascinado, uma sombra escura se transformar em um urso a procura de alimentos. Ele olhou para cima e pareceu reconhecer Herr Professor, e então, para meu espanto, trotou timidamente em sua direção para ter seu dorso tamborilado e seu pescoço coçado. Quando minha prudência diminuiu, Herr Professor me olhou e sorriu, “Não há nada a temer”, comentou.

Chegou então o dia do meu nono ano quando caí doente. Meus pais, com uma preocupação crescente, chamaram os melhores médicos do local. Nenhum deles foi capaz de diagnosticar minha condição com precisão, mas todos concordaram que minha enfermidade era grave. Finalmente, deram a meus pais a dolorosa notícia que não havia nada que pudessem fazer. Tristes e chocados, meus pais se resignaram com a morte iminente de seu filho mais moço.

Foi então que Herr Professor apareceu para visitar seu amigo – para fazer uma última saudação e para se despedir, pensaram meus pais. Enquanto eu perdia e recuperava a

consciência, tive a sensação que uma linha de vida estava sendo jogada para mim. Não era um adeus falado o que ele me enviava, mas uma canção suave que me chamava de volta à casa.

Todas as vezes que eu recuperava a consciência por alguns breves minutos, Her Professor estava ali, sorrindo para mim e sussurrando alguma coisa que eu não conseguia entender como palavras, mas que enchiam minha alma de calor e faziam-me sentir a salvo. Várias vezes ele esfregou suavemente um pedaço de madeira em meu pescoço enquanto entoava palavras que pareciam não ter nenhum sentido, mas eram percebidas como imensamente poderosas e, ao nível do meu corpo, para além da mente racional, faziam perfeito sentido para mim. Eu me sentia cada vez mais forte.

E aqueles olhos... Pode ter sido meu delírio, sem dúvida, mas todas as vezes que eu olhava para o Herr Professor, parecia que estava olhando para olhos múltiplos, olhos magníficos, olhos com milhares de lentes que enxergavam direto em mim. Então, eu adormecia.

Meus pais atribuíram minha cura a causas naturais, mas eu sentia que algo mais havia me revitalizado.

Depois disso, Herr Professor e eu começamos a passar mais tempo juntos e parecia haver maior profundidade e um novo calor em nossa relação. Em todas as culturas xamanísticas que ele visitara, os mais velhos acreditam que uma pessoa é chamada pelos espíritos a se tornar um xamã através de uma enfermidade misteriosa, que a acomete subitamente e a leva até o abismo da morte. A pessoa só se salva através da intervenção de outro xamã. Herr Professor havia reconhecido em mim os sintomas desse chamado.

Numa linguagem para criança, ele lenta e suavemente me ensinou os caminhos do poder. Entre nossos passeios pela floresta e nossas conversas, principiei a desenvolver um profundo respeito pelos conhecimentos e perícias do xamã e pela natureza, que ele me revelou como “a face visível do espírito”. O alfa e ômega de seus ensinamentos estavam dentro da colmeia e em seus habitantes, as abelhas, e comecei a aprender os rudimentos de apicultura. Eu observava e então copiava os modos e o comportamento de Herr Professor com suas colmeias; raramente fui picado e isto quando meus movimentos desengonçados atraíam a atenção das abelhas. Enquanto passava um pouco de bálsamo nas picadas, Herr Professor me dizia, “As abelhas, como outros animais, respondem aos modos dos que estão ao seu redor. Mova-se mais lentamente.” À medida que minha afinidade com as abelhas começou a se desenvolver, fiz as primeiras tentativas de colocar gotas de mel em meu braço para deliberadamente atraí-las até mim, exatamente como me fora mostrado. Em alguns segundos, várias delas aterrissavam e estendiam suas probóscides – suas línguas longas, sulcadas, usadas para sugar o néctar. Acabado o mel, as abelhas exploravam o resto de meu braço, avançando com cuidado por entre os pelos que já começavam a crescer, enquanto eu permanecia imóvel, fascinado com a sensação de minúsculos pés sobre minha pele.

Eu teria ficado para sempre na catedral da floresta, aprendendo seus ensinamentos sagrados e recebendo a sabedoria de seu Sumo Sacerdote, meu amigo Herr Professor. Mas não estava destinado a ser assim. Dois anos depois de minha cura miraculosa, minha família deixou Viena e se mudou para outra parte da Europa. Chorei, enquanto caminhava até a casa de Herr Professor para me despedir. “Pequenino, você pode ser parte do mundo todo. Abraço-o” ele me confortou. “Não há nada a temer na vida”. Mas eu podia ver em seus olhos que ele também estava triste.

Naquele dia ele me deu três presentes. Um deles era uma peça de madeira com um entalhe simples embora eloquente. Mais tarde eu ficaria sabendo que isto era um phurba,³ uma varinha de cura empregada no xamanismo tibetano e usada para extrair e absorver intrusões espirituais negativas que habitam o corpo e causam enfermidades. Se, como já foi observado, a bela arquitetura é poesia congelada, então o poder xamanístico dos objetos pode ser descrito como um ato de vontade, destilado na forma e no tempo. Fora este simples pedaço de madeira que me trouxera de volta à vida quanto todos os tratamentos e remédios da ciência moderna não conseguiam me salvar – e a fé de Herr Professor no poder do universo de intervir em meu benefício, porque ele assim o desejava.

Nunca mais vi Herr Professor, mas não se passa um dia sem que pense nele, e algumas vezes choro. Ele era meu amigo. Claro, devo-lhe a vida, mas também lhe devo bem mais do que a vida. Foi através de nossa amizade que primeiro vivenciei os poderes do xamã. Isto me levou a me aprofundar nesta tradição de modo que, em certo sentido, pudesse me parecer mais com Herr Professor e seguir as verdades que me mostrara. Se aquelas verdades haviam tido efeito tão notável, desafiando a morte e afirmando a vida em mim, então quem mais poderia me ajudar? Talvez pudessem salvar outra criança perdida e solitária em um mundo de trevas.

A verdade, no entanto, não é uma questão fácil. É complexa, estranha, sempre fluída e aberta a questionamentos, uma coisa viva. E, mesmo assim, é o lugar onde temos de começar, e no final é tudo que permanece.

Através de meus estudos, vim a entender que a verdade, especificamente a verdade espiritual, só pode ser definida como aquilo que a pessoa sabe, sem palavras, ser verdadeiro. Ela é silenciosa e não requer nenhuma justificativa. Meu desafio, então, ao escrever este livro foi encontrar palavras para expressar esta sabedoria inefável, assim como as verdades contidas na tradição xamanística na qual fui iniciado.

Embora não tenha nenhum nome no mundo exterior, esta tradição é conhecida por seus membros como o Caminho do Pólen, centrada como é na abelha e na colmeia como uma metáfora, mas também como fonte de um conhecimento xamanístico surpreendentemente rico. Este livro transmite os ensinamentos da maneira como os recebi e, em geral, no contexto em que foram repassados. O que apresento é uma crônica de experiências e observações específicas, expostas com minha melhor habilidade – um ato intencional de etnografia.

O próprio xamã, embora obscuro e escondido, pode ser facilmente localizado em várias partes do mundo – nas Américas, na Austrália, na África e outros locais. O Caminho do Pólen faz parte da rica tapeçaria do xamanismo europeu, sobre o qual muito pouco foi escrito devido a razões históricas que envolvem o trabalho missionário e a perseguição. Pode-se considerar surpreendente que uma antiga, embora sofisticada e não fragmentada tradição xamanística tenha de algum modo sobrevivido até o século vinte e um, sem chamar a atenção da igreja ou do estado, ou, no que se refere ao tema, da antropologia. Mas, nenhum de meus predecessores, colegas ou companheiros sentiu necessidade, ou inclinação, para colocar a pena sobre o papel e traçar um relato de seu trabalho ou de seu mundo. Em contraste, abundam textos a respeito de outras tradições xamanísticas, muitos dos quais são facilmente acessíveis.⁴ Há tal riqueza de escritos sobre este tema que seria insensato de minha parte tentar um resumo conciso em poucas páginas. Este livro detalha uma adaptação específica do xamanismo desenvolvido pelas antigas raças das Ilhas Britânicas e da Europa. É uma forma pouco conhecida do xamanismo keltico⁵ que deve sua expressão particular aos habitantes daquelas regiões, suas personalidades, suas culturas e às paisagens e à geografia de sua terra natal.

Onde quer que se transmita uma informação arcana, poderosa, de uma pessoa para outra, a tradição oral é comumente o modo mais seguro de proteger este conhecimento daqueles que poderiam colocar em perigo a si mesmos e aos outros por usá-la sem a proteção do procedimento sagrado pleno. Este livro, então, não é mais um tomo para ser colocado ao lado de tantos outros que exploram e celebram o que os celtas históricos podem ou não ter feito, voltando a um tempo em que o mundo era um lugar bem diferente. Serve pouco aos propósitos do moderno peregrino invocar as brumas de Avalon de antanho, que mais não seja, ao menos por não se encontrarem na mesma época na qual vivemos. Em vez disso, quando uso o termo kelt, eu o emprego como uma abstração lírica; ele refere a uma atitude ou um humor, a um estado mental e a uma sensibilidade poética. Não podemos todos ser celtas – pois todos, cada um de nós, possuímos ricas raízes ancestrais próprias – mas podemos, se assim o desejarmos, extrair algo do poço profundo que é Keltia.

Meu professor na iniciação, que conheci como um adulto e que encontraremos mais tarde neste livro, estranhamente, acreditava em um princípio que denominava “osmose espiritual”, segundo o qual a proximidade com a própria vontade sagrada provê as respostas. Não existem regras fixas, ou melhor, as regras e as verdades que se encontra serão pessoais, para a pessoa que as encontra. A verdade precisa sempre ser individual, e é encontrada a partir de experiências e interpretações da própria pessoa. Lendo este livro vocês serão atraídos pelo mistério que é o Caminho do Pólen e a partir daí irão compreender. Foi um grande prazer ter

sido capaz de trazer este conhecimento poderoso, encoberto, para o domínio público. Basta ler, a osmose espiritual provocará o efeito em um grau apropriado.

Acima de tudo, este é um livro sobre conhecimento, ideias e experiências que formaram o portal para o mundo de minha verdade espiritual pessoal. Espero que também se sintam inspirados a cruzar este umbral, embarcar na rica aventura que é a jornada do herói, e descobrir uma verdade para sustentá-los nestes tempos de incerteza espiritual, mas de oportunidade certa.

1 Ontem à noite, enquanto eu dormia,/ sonhei, bendita ilusão!/ que havia uma colmeia/ dentro de meu coração/ e as abelhas douradas/ nele seguiam fabricando/ com as velhas amarguras/ branca cera e doce mel.

2 Abelhas, ursos e javalis são conhecidos na memória folclórica europeia como psicopompos, condutores da alma deste para o outro mundo. Diz a lenda que um urso coleta, em custódia, as almas dos humanos em sua barriga durante a hibernação. Chegada a primavera, ele emerge de sua caverna e come uma planta laxante para expulsar o bolo de pelos e vegetação que bloqueava seu anus durante o inverno, permitindo que mantivesse a salvo as almas hibernadas. O javali possui atributos distintos de psicopompos: suas presas são moldadas como luas crescentes e seu focinho negro simbolicamente se localiza entre a lua que morre e a que nasce de novo, do mesmo modo que as três noites escuras sem lua separam as luas minguante e crescente. É em parte baseado nesta observação que o javali é considerado um elo entre este mundo e a Terra dos Mortos.

3 Os primeiros phurbas eram feitos de argila. Hoje são feitos de pedra, madeira e, mais comumente, de metal. O phurba corresponde à Árvore do Mundo e ao eixo do mundo, e é um dos instrumentos principais do xamã tibetano Bon-Po.

4 Recomendo O Caminho do Xamã, do dr. Michael Harner (Cultrix), e Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, de Mircea Eliade (Martins Fontes). O primeiro oferece ao leitor as práticas e metodologias básicas do caminho do xamã com uma apresentação excepcionalmente clara a respeito do peso do assunto. O último é o clássico acadêmico mais reconhecido dentre os estudos sobre o xamanismo.

5 A palavra celta deriva da palavra arcaica keltoi, que vemos empregada pela primeira vez aos celtas em textos gregos e romanos. Eles empregavam a palavra com o significado de “estranhos” ou “bárbaros”, mas é possível que seja derivada de uma palavra celta significando “segredo”, “escondido”. Emprego a palavra para referir àqueles dentro da cultura celta que foram e são os guardiões da sabedoria encoberta, que escondem os ensinamentos de sua linhagem não confiando nada, ou muito pouco, à escrita e, em seu lugar, contando com a tradição oral para salvaguardar seu conhecimento. Essas pessoas existiram e existem na cultura celta, mas suas tradições não são idênticas às da cultura mais ampla. O termo então é bem diferente da palavra celta que veio a denotar irlandês, escocês, gaélico, galês arcaico e bretão e não os portadores do conhecimento arcaico, que eram os kelts.

2 o portal da transição

Pergunte à abelha selvagem o que sabiam os druidas.

Antigo adágio inglês

Ele era um apicultor chamado Ponte e, como eu ficaria sabendo, era algo assim como uma lenda. Vivia simultaneamente no passado, no presente e no futuro, uma ponte sobre, através e para fora dos ciclos do tempo. Ele foi descrito de vários modos por aqueles que o conheceram, mas as palavras que permaneceram comigo durante todos esses anos foram: ele era “um poeta com um machado”. Seus pensamentos eram claros como o cristal, resistentes como o diamante e, mesmo assim, dentro dele havia espaço para a magia e o maravilhoso.

Quando o conheci, ele tinha, acrescente ou subtraia alguns meses, a mesma idade que Herr Professor durante minha estadia em Viena e, como ele, era mais ereto e se movia com maior rapidez do que um homem de metade da sua idade. Seus olhos eram de um azul claro cintilante e sua pele sedosa, sem rugas, parecia cobre polido. Possuía um magnífico cabelo, cinza cor de ferro, cortado à escovinha, e sobranceiras semelhantes às lagartas da Árvore do Conhecimento. A sua voz nunca enfraquecia ou se tornava áspera ou rouca, e ele possuía um coração esculpido em carvalho galês.

Mais de uma década havia se passado desde meus tempos com Herr Professor e meu encontro com a morte nos bosques de Viena, e durante boa parte deste período eu estivera procurando, mas procurando o quê? Procurando uma conexão, suponho, uma comunhão, de novo, com as forças elementares da natureza e com as verdades que sussurram por entre as árvores. Anos antes, meus olhos haviam sido abertos pela misteriosa habilidade de Herr Professor de alterar o destino e suas consequências através do poder e da vontade da natureza. E assim, parecia-me ser a mesma busca: uma paixão por entender, compreender, por ser parte daquele mundo tão diferente do que eu via ao meu redor todos os dias, o mundo das pessoas que trabalham com olhos assombrados, que voluntariamente tomam trens para se dirigir para recintos-tipo-prisão, compostos de escrivatinhas, em escritórios. Eu estudara filosofia em uma das melhores instituições de ensino e recebera aplausos por meu trabalho, mas ele me deixara completamente vazio, eu o achara árido, fútil, obtuso e, em última instância, sem sentido – faltava-lhe a instrumentalidade que me parecia ser o que os professores queriam.

Eu mesmo estava em parte dentro, em parte fora daquele mundo, e assim conhecia alguma coisa a respeito dele – o suficiente, em todo caso, para ter certeza de que jamais gostaria de ficar enredado nele. Eu não precisava de lembretes para saber que as antigas certezas estavam sujeitas à fluidez e à transformação, independente do que as “autoridades” pudessem nos fazer acreditar. A meu modo, juvenil e brincalhão, eu estava tentando ligar um ceticismo apaixonado com o desejo por sentido, tentando encontrar a chave humana para o mundo inumano ao meu redor, tentando conectar o individual com a comunidade, o conhecido com o desconhecido e relacionar o passado com o presente e meu próprio futuro. Mas em tudo eu estava perdido, um veleiro sem velas ou leme.

Meu primeiro encontro com o apicultor foi na primavera de 1986 no terreno de uma casa de campo em cujas terras eu me perdera, numa de minhas longas caminhadas pelas Colinas Quantock, no sul da Inglaterra, em meio à paisagem tão amada por Coleridge e Wordsworth. Era uma tarde de primavera e eu me vi explorando amplos jardins perfumados à moda antiga, nos fundos de uma propriedade cercada por terreno agrícola, campos, colinas e bosques.

Notei um portão no muro mais distante, um muro com um toque de considerável beleza, pois, com o tempo, fora suavizado por tons de mel. Vaguei até lá e coloquei minha mão na maçaneta, deixando-a ali por um momento enquanto absorvia a inscrição em latim que havia sido entalhada com perícia: *Hic Habitat Felicitas* – aqui mora a felicidade. Ponderava se deveria

ou não prosseguir sem ser convidado, quando a escolha foi feita para mim, pois senti a maçaneta de metal enferrujado começar a se mexer de um lado para o outro. Pulei para trás quando o portão se abriu e uma figura truncada, parecida a um gnomo – ele não era mais alto do que um pônei Shetland – deu uns passos à frente. Com o cabelo branco um tanto longo, uma compleição que aparentava ter visto a luz do dia muito raramente e um casaco de feltro verde curto, ele poderia ter saído das páginas de um livro de contos de fada para crianças. Este efeito peculiar era ainda enfatizado por seus olhos, que eram uma brasa negra fixa, como se emprestados do olhar de um ícone russo. Notei que eles momentaneamente encontravam os meus e então estremeciam e se afastavam, e percebi que este pequeno humano era cego como uma toupeira.

Fiquei na dúvida de como responder. Presumi que fosse o dono da propriedade, e de maneira débil e ineficaz permaneci em silêncio, pensando que poderia escapulir sem ser notado. Mas ele sabia que eu estava ali, percebendo-me em pé ao lado, ou talvez escutando minha respiração.

“Visitou nosso Éden?” ele perguntou com gentil familiaridade. Corando de embaraço, respondi com uma desculpa gaguejada que estivera explorando seu jardim.

O homenzinho sorriu diante de minha conduta desajeitada e estendeu a mão para encontrar a minha. “Meu nome é Gwyn, e este é o Portal da Transição”, ele disse como se fosse algo prosaico. “É aqui que o visível é colocado a serviço do invisível; ele divide nosso mundo: deste lado nós operamos de um modo e do outro operamos de outro modo.” Com isso ele anunciou que já era hora de ir embora e começou a andar a passos largos em direção a casa, deixando-me boquiaberto de pasmo. Fiquei completamente estupidificado com este encontro e só pude presumir que ele, de algum modo, me confundira com outra pessoa. Esta falsa identificação, eu sentia, me encorajava a ir mais longe em minha exploração, tendo presente o convite do homem cego para olhar além. Algum tempo depois, eu ficaria sabendo que este homem – Gwyn Ei Fyd – havia, há poucos instantes, completado seu aprendizado com o colmeiro – e aqui estava eu, a ponto de iniciar o meu.⁶

Coloquei mais uma vez a mão na maçaneta e o portão se escancarou ao meu toque. Havia um certo murmúrio no ar que de repente cresceu em força e volume e, procurando sua fonte, meus olhos viajaram para o outro lado da passagem. Lá eu avistei um pomar, salpicado de sol e acarpitado com grama verde que se estendia ao longe embaixo de antigas macieiras. E ali havia colmeias, talvez uma dúzia ou mais, todas de frente para o leste, cada uma exibindo diferentes cores e marcações.

O pomar estava vivo com as abelhas dançando nos raios de sol de Março com suas asas, e no meio delas estava um homem, venerado por uma nuvem de abelhas. Ele mantinha seu espaço como um mágico no palco tirando lenços e papéis e fazendo-os voar, ou como uma tecelã tramando algum tecido estranho feito de coisas vivas. Havia algo mais, também. Era

como se ele estivesse iluminado por dentro, com um senso de amor e um profundo respeito que parecia mútuo entre homem e abelhas, o que no momento formava uma cortina entre nós.

Ele olhava diretamente para mim, sorrindo através do véu vivo, como se estivesse me esperando. Fui tomado pela mais estranha e mais total e penetrante sensação de estar encontrando um destino.

Ele me prendia como um hipnotizador e eu não sabia como reagir. Deveria caminhar em sua direção, me apresentar? Mas as abelhas... há anos que eu não tinha nenhum contato com uma colmeia. Deveria permanecer onde estava e dizer olá, ou isto seria rude? Estaria revelando medo, alguma fraqueza?

Cautelosamente, dei um passo à frente e abri a boca para falar, mas antes que uma palavra se formasse em meus lábios, uma única criatura alada arremessou-se em minha direção como um grão de chumbo de uma catapulta. Para minha surpresa absoluta, ela não parou. Ao invés de voar ao meu redor, ou colidir comigo, a abelha voou através de mim, ou melhor dizendo, para dentro de mim, pois enxerguei a abelha tocar minha pele e então – desaparecera! fiquei imediatamente mudo, minha mente procurava uma explicação racional para aquele ato de desaparecimento. Seria devido à luz do dia? Talvez eu simplesmente não estivesse prestando atenção e a abelha houvesse voado ao meu redor no último momento. Talvez, minha mente brincalhona sussurrou, eu agora tivesse uma abelha caminhando por dentro do corpo, e ela me picaria e eu morreria. De repente, senti uma dor aguda aguilhoando a palma de minha mão esquerda e soltei um grito. Uma abelha havia me picado enquanto eu apertava e soltava minhas mãos na tensão do momento. Com toda certeza esta era a abelha que desaparecera, não?

O odor do veneno exalado pela abelha, por sua vez, agitou outras abelhas, que, lendo os sinais químicos de sua companheira moribunda, vieram para lutar. Olhei para cima e vi o apicultor observando a cena se desenrolar. Encontrei seus olhos e agora eles estavam muito estranhos – uma mistura de simpatia e interesse, bondade e calma infinita.

Não havia engano quanto ao ruído ameaçador. O ar estava cheio de abelhas enfurecidas. Eu sabia que, uma vez realmente excitadas, as abelhas eram invencíveis e, efetivamente, fui picado novamente, desta vez no topo da cabeça. Apesar de sentir a picada aguda do ferrão quando ele penetrou minha carne, desta vez eu não me mexi. As lições que aprendera na infância haviam passado pelo teste do tempo.

Eu focalizei de novo os olhos do apicultor que agora haviam se estreitado, e notei que ele realmente me observava. Permaneci imóvel, embora meus olhos estivessem lacrimejando involuntariamente devido à dor aguda em minha cabeça. O apicultor inclinou levemente a

cabeça. Sim? O gesto era um sim? Sim ao quê? E então, de repente, as abelhas haviam ido embora. Eu desengatei de seu olhar, olhei para baixo, para minha palma e senti o topo da cabeça, que pulsava no mesmo ritmo de meu coração acelerado. Olhei o espaço ao meu redor, que deveria estar repleto de abelhas, mas ele estava parado. As abelhas estavam de volta à procura de suprimentos, à feitura do mel, às suas colmeias. O apicultor acenou para que me aproximasse de onde ele estava, ao lado de uma das colmeias que agora zunia brandamente, um ronronar como o de um gatinho. “Você foi picado”, ele disse com simplicidade, com uma voz que era uma canção, com cadência galesa suave e melódica. Era uma declaração mais do que uma pergunta, expressava interesse mais do que preocupação.

“Sim” eu respondi, “aqui em minha mão e na cabeça”.

Ele então tomou minha mão e algo notável aconteceu. A dor (era realmente mais uma irritação) imediatamente acalmou.

“Você foi picado diretamente no centro da roda do sonho”, ele disse, referindo-se ao minúsculo ferimento em minha cabeça. “É uma de suas estrelas internas; a parte de nós que primeiro vem ao mundo, a parte onde reside nosso primeiro senso do mundo, e o local onde tentamos formar o sentido de nossa realidade. A parte que enxerga o mundo antes que o façamos. É um de nossos círculos mágicos”. A modulação de sua voz tinha uma estranheza bárdica que soava tanto eufônica quanto arrebatada. Apesar de não entender plenamente suas palavras, parecia que elas me conduziam, quase hipnoticamente, para uma zona incomum, algum lugar entre a terra de nossos desejos e a terra devastada criada pela história.

À guisa de apresentação, contei ao apicultor sobre minhas experiências prévias com as abelhas, em meus encontros com Herr Professor e, pela primeira vez na minha vida, contei a história de minha cura, e as dádivas que meu amigo erudito da floresta me ofertara. O apicultor tinha muitas perguntas a respeito de Herr Professor e, num dado momento, balançou a cabeça afirmativamente quando lhe contei sobre certos assuntos, como minhas lembranças da cura e alguns outros poucos fatos que conhecia sobre o homem. Encerrei explicando que isto se passara há mais de uma década e que, desde então, não me aproximara de uma colmeia.

“Você deve voltar a elas e aprender mais”, ele disse cordialmente, “pois parece que as abelhas têm uma queda por você!” Ele riu quando eu inadvertidamente toquei o topo de minha cabeça. “Pode-se dizer que há um chamado”, ele acrescentou.

E assim, bem casualmente, comecei a voltar para a casa de campo em Monks Bench, ao jardim murado, ao pomar, às colmeias e a Ponte, o apicultor, para aprender mais sobre o ofício e a natureza das abelhas.

Desde o primeiro encontro fiquei cômico de que Ponte possuía uma intensidade incomum e uma qualidade interior que radiava sua comunhão com as abelhas melíferas. Quando trabalhava com as colmeias, havia algo de sacerdotal em seu comportamento, como se estivesse realizando um ritual que pudesse ser testemunhado somente por ele mesmo e por suas abelhas, um ritual que resultava no contato com o transcendental. E isto não tinha raízes no fantástico ou no fanático, mas numa comunhão simples e cheia de graça com a natureza.

Eu o observava enquanto ele se dirigia para uma colmeia, submetia-a, abria e retirava os caixilhos com as ninhadas, transportando-os em um engradado de carregar, com as abelhas agrupando-se aos milhares em torno dele. Um difusor de fragrâncias era trazido para a faina e, conforme os caixilhos de várias colmeias eram respingadas com lavanda colhida no pomar, um aroma calmante nos banhava.

Ponte e eu circulávamos pelo pomar, inspecionando a flora e a fauna de sua cidadela. Construídos nas paredes mais distantes havia recessos antigos em arcos conhecidos como pátios de abelha, que costumavam manter antiquados cestos de fazendeiro, de palha ou madeira, para abelhas – colmeias – zunindo com vida. Canteiros de herbáceas beiravam com arabis e aubretia, moitas de açafião e anêmonas estavam ao alcance das colmeias, assim como as bergamotas, miosótis, hissopo, sálvia, reseda, margaridas Michaelm, lavanda, malva, alecrim, e giesta vermelha que se assemelhava a borboletas de carne viva. Pilriteiros, sicômoros e limeiras estavam ali por causa de seu alto grau de néctar, e um pequeno poço, alimentado por uma fonte subterrânea, produzia água fresca e suave que as abelhas transportadoras de água coletavam para misturar ao alimento para as crianças da colmeia.

Em certas ocasiões, uma nuvem negra cruzava à frente do sol e as abelhas forrageiras ficavam com frio. No frio, as asas das abelhas ficam paralisadas, e elas caem por terra incapazes de se alçar, até mesmo se arrastar. Quando Ponte observava tais causalidades eu ficava atento – do mesmo modo que ficara atento a Herr Professor – quando segurava com cuidado um pequeno corpo em sua mão em concha e soprava ar quente sobre ele. Toda vez que testemunhava este milagre sentia o mesmo assombro e alegria em observar um ser sem vida reviver, que sentira quando menino. Após um estremecimento convulso, a abelha se punha sobre as próprias pernas e sacudia a poeira, primeiro escovando as antenas com as pernas da frente e então levantando o abdômen e vigorosamente varrendo a poeira com escovadas amplas dos pincéis das pernas traseiras. A abelha então sacudia a cabeça triangular de um lado para o outro e, tendo se assegurado que a última partícula de poeira havia sido removida, voava para longe como uma flecha.

“As abelhas são peritas astrônomas”, Ponte me anunciou um dia de um modo exagerado, teatral. Elas podem predizer quando vai chover. E são criadas de raios de luz. Você sabia que

elas sorvem os filhotes, completamente formados, das flores? Ou que o mel é criado no ar, quando as estrelas surgem e o arco-íris repousa sobre a Terra? E, sabia que uma mulher virgem pode passar por um enxame de abelhas sem ser picada e que exatamente à meia noite, na véspera de Natal, as abelhas zonzoneam hinos para celebrar o nascimento de Cristo? Se uma abelha voa para dentro de sua casa, significa que um visitante está chegando. Abelhas roubadas não medram, morrem. Os eruditos medievais ensinavam que as abelhas nasciam dos cadáveres de vacas e bezerros. Essas, jovem rapaz, são apenas algumas das superstições que surgiram em relação a nossas amigas aladas, mas, na verdade, qualquer abelha pode fazer o impossível para manter a inteireza da colmeia”. Ponte continuou relatando fatos que eram tão notáveis, se não mais, do que as superstições: como uma colmeia ferida, faminta ou saqueada pode realmente gemer em agonia; como a abelha pode envelhecer rapidamente, e então de novo se tornar jovem – abelhas estéreis podem botar ovos em épocas de crise e as senis rejuvenescer as glândulas que haviam atrofiado. Ponte também afirmou que os apicultores raramente adoecem e mais raro ainda, se é que alguma vez isto aconteceu, contraem câncer ou outras doenças terminais. Eu considerei essas afirmações muito audaciosas, mas mais tarde pesquisei o assunto e em ampla medida acabei concluindo serem verdadeiras.⁷

Com certeza não haveria dúvida alguma a respeito da boa saúde de Ponte, e ele fez rapidamente uma lista de figuras históricas que haviam se beneficiado de sua relação com a abelha e a colmeia. “Pitágoras, que mantinha uma dieta envolvendo grande quantidade de mel, viveu até os noventa anos. Um de seus discípulos, Apolônio, jantava leite e mel e chegou até os 113 anos. Plínio, o Velho, relata que havia 124 centenários, vivendo na região entre os Apeninos e o rio Pó – nada mal para um recanto tão pequeno. O mel sempre fez parte da dieta dos nativos britões; realmente, o nome original da Grã-Bretanha era traduzido por ‘a ilha do mel’. Você sabia que Plutarco observou que ‘esses britões só começam a envelhecer aos 120 anos’! Bem, meu próprio professor deixou o mundo há alguns passos de onde você está em pé, e ele só tinha chegado ao seu centésimo ano, de modo que seria quase o mais jovem no livro de Plutarco! Os apicultores – como os bons vinhos – ficam melhores com a idade.”

Através dos primeiros encontros com o apicultor, recordei a trindade da colmeia – os três tipos descritos por Herr Professor, que tornam a família completa da abelha. Os zangões são os machos da comunidade e ficam fanfarronando por aí, como dândis, vistosos e bastante desdenhosos em relação a qualquer trabalho honesto. Chocados no começo do verão para prover parceiros para as jovens princesas, eles levam uma vida ociosa; deixam a colmeia somente durante o período mais quente do dia. O zangão não possui ferrão, mas suas asas são poderosas e seus sentidos aguçados, com um delicado olfato e espantosos poderes de visão.

A carga de trabalho da colmeia recai sobre as operárias, abelhas fêmeas que produzem cera, secretada de seus corpos, constroem as células, enchem-nas de mel; alimentam e cuidam tanto da rainha quanto das larvas de trabalhadoras; coletam o pólen, o néctar e própolis (uma curiosa resina anti-bacteriana manufaturada pelas abelhas, de plantas e árvores); defendem a colmeia dos inimigos; e realizam outras mil e uma tarefas. São elas que efetuam a prosperidade harmoniosa da colônia.

A rainha é uma verdadeira soberana da antiga tradição. Ela é mais alongada que suas filhas, mais esguia que seus filhos robustos, e acasala com seu próprio irmão. Em toda sua longa vida – que excede, talvez em seis ou oito vezes, a de seus mais longevos filhos – ela não encontra outra abelha a não ser seus filhos e filhas. Em sua pessoa solitária ela carrega o destino de todos, é uma deusa cuja vida é devotada ao serviço altruísta em meio à luz difusa da cidade dourada.

Dentre os três tipos estão os pequeninos – os filhos da abelha em seus novos trajes aveludados, apresentados pelas abelhas nutrizas, sentados ao sol, agitando entusiasticamente as perninhas para o tráfico ligeiro e desatento que passa sobre eles; e as guardas – trabalhadoras fêmeas guerreiras – conspícuas, como se armadas com espadas e capacetes, de prontidão em seus postos de observação próximos à entrada, desafiando todos que se aproximam.

Sem a abelha, Ponte observou, nossa Terra possuiria uma aparência bem diferente. “Talvez houvesse nozes e grama, mas praticamente todas as nossas frutas e flores estariam ausentes. Para sobreviver, a abelha realizou milagres, atacou e venceu problema após problema. Algumas vezes, executou o que parecia impossível.”

Continuamos a nos encontrar durante todos os meses de verão e até o começo do outono. Ponte me re-familiarizou com o saber do trabalho com abelhas; em como entendê-las e colher os frutos da colmeia. Eu apreciava nossos encontros e sentia que estava aprendendo alguma coisa – uma arte que me seria útil, uma forma quase de meditação, enquanto, silenciosamente, trabalhávamos juntos no pomar. Eu observava e aprendia. Em geral trabalhávamos em silêncio, mas quando Ponte falava, era com tal poesia e presença que eu me lembrava bem de suas observações. “As coisas mais comuns na natureza, em geral, são as mais belas. Ligar raridade e beleza é só uma violação humana do tema mais amplo”. Eu também comecei a perceber que tipo de homem era Ponte. Ele era duro e abrupto, possuía uma lógica implacável, mas suas palavras nunca eram gratuitas; se oferecia instrução, ele exigia uma perspectiva de como os ensinamentos seriam honrados e aplicados. Ele era um homem de epifanias tranquilas e enunciações solenes.

Nunca saí de mãos abanando de um encontro com Ponte. Ele raramente dormia, fazendo com que a reunião com ele fosse tanto exaustiva quanto estimulante. Não era incomum que trabalhássemos do amanhecer ao por do sol e, em seguida, jogássemos xadrez à noite. Ponte era um oponente paciente, e certa ocasião jogou de costas para o tabuleiro, cantando os movimentos. Este duelo cerebral era acompanhado pela música compacta e intensa de Puccini, Strauss, Verdi e Wagner, pelos quais sentia um amor que retraçava ao útero, pois, durante a gravidez, sua mãe, o tempo todo, só escutava grandes óperas na vitrola. Depois de me massacrar no tabuleiro, ele se levantava para ficar um tempo no apiário e então era-me permitido “ouvir os conselhos de meu travesseiro” durante algumas horas, antes do ciclo de trabalho recomeçar.

Raras vezes, se é que alguma outra vez, eu gostara tanto, ou tão rapidamente, de uma pessoa, um sentimento que permanece o mesmo após mais de dezessete anos. Ele possuía uma humildade sincera; uma paixão para desenterrar a verdade. Era um perito médico de alma em seus discernimentos e um sábio profundo em suas conclusões. Não era simplesmente o que dizia, mas também sua presença – um tipo de charme do qual fazia parte a inteligência sutil e, em parte, uma espécie de inocência, não do tipo ingênuo, mas do tipo que gostamos de supor que santos, pessoas puras ou profetas possuem. Ele também emanava uma aragem de poder sobrenatural autêntico e potente.

Comecei a perceber que pensar a respeito dele como um simples apicultor era realmente atribuir a este homem uma expressão errada. Ele fazia muito mais do que simplesmente cuidar das abelhas e, de algum modo, sentia que ele era uma delas. As abelhas, com toda certeza, o conheciam e respeitavam. Ele era, eu ficaria sabendo, um Mestre Abelha – um artista que trabalha com a forma viva.

Mas o termo Mestre Abelha pode facilmente ser mal compreendido, pois ele não era o senhor das abelhas no sentido em que as usasse de algum modo. Para explicar um pouco, ele afirmava ser servo das abelhas, ou talvez co-operário. Era um mestre na arte de cuidar de abelhas e compreendia o comportamento delas de um jeito muito surpreendente. Era capaz de falar com elas, manter uma conversa íntima com a colmeia, acessar suas qualidades únicas e manipulá-las de acordo. As abelhas respondiam a ele de uma maneira como eu nunca vira antes, ou que jamais veria novamente. Muitas vezes elas montavam em seu ombro esquerdo, com Ponte murmurando ou cantando para elas o tempo todo, e uma doce canção de abelha era a resposta que davam, um acalanto como retorno. Certa ocasião, um enxame pousou em sua cabeça. Devia haver umas dez mil abelhas. Muito lentamente, ele se dirigiu para a porta de entrada de uma colmeia vazia e se colocou na frente dela com a cabeça abaixada. De outra feita, encontramos um enxame de abelhas no bosque local, mas não tínhamos meios de carregá-las de volta à casa. Ele se colocou bem debaixo delas e me fez balançar vigorosamente o ramo sobre o qual o enxame pousara, de modo que as abelhas caíram sobre ele, quando então caminhamos para casa e depositamos o enxame em uma colmeia. Ele era, por assim dizer, um camaleão com as abelhas, suas cores mudavam sempre, alternando sem esforço para se tornar a colmeia.

Enquanto andávamos pelo pomar, onde Ponte se movia como se em um temeno8, inspecionando as colmeias e as plantas, descobri que havia uma certa formalidade na maneira como ele falava sobre a arte do cuidar de abelhas. Essas palestras sempre começavam com as mesmas quatro palavras: “O Mestre Abelha sabe”. Esta expressão, pronunciada com solenidade ritual, se tornou, para mim, sinal que uma sessão de ensinamentos estava prestes a começar e que Ponte estava para partilhar uma “Palestra de Conhecimento”. Era semelhante a um alarme antibomba, colocando-me em um estado frenético de digitação cerebral – pois conseguir que Ponte repetisse uma aula era quase impossível. “Vestigia nulla retrorsum”, ele costumava dizer em seu amado latim. “Nunca volte sobre seus passos”.

Era sua responsabilidade transmitir cada aula com perfeita clareza e com precisão; a minha era gravá-las do mesmo modo e então refletir a respeito em meditação tranquila. Esta abordagem eidética era um talento que me foi forçado pela necessidade.

Com o tempo, percebi que essas preleções, juntas, formavam um favo de ensaios apontando para a verdade – uma verdade que não requer defesa.

E também descobri como era notável o que se podia lembrar dadas as circunstâncias corretas. A mente precisa estar quieta e ter espaço para tranquilamente rever os acontecimentos e ensinamentos do dia. Tornei-me perito no que se refere a rebobinar certos eventos e assisti-los como se fossem um filme. Eu então tomava notas enquanto o filme estava sendo exibido, gradualmente enchendo cadernos, e construindo uma filosofia prática baseada nos ensinamentos que recebia. Ponte também havia sido ensinado deste modo, e seu empenho em confiar os ensinamentos orais à memória, para repetição, fora tido como prioritário por seu professor, como agora, por seu turno, era para mim. Ponte considerava treinar a memória uma qualidade tão importante quanto a improvisação e a criatividade, que, sustentava, eram essenciais para o aprofundamento no ofício de cuidar de abelhas.

A primeira preleção que me fez foi breve e precisa: “O Mestre Abelha sabe que nenhuma outra espécie animal inspirou tantos povos de tantas maneiras quanto a humilde abelha. Nenhuma criatura tem mais textos dedicados a ela; um fluxo de mel contínuo, de Aristóteles e Virgílio até os dias de hoje. Por milhares de anos, homens e mulheres trabalharam com a abelha com vários graus de sucesso, e durante este longo período viemos a tratar essa pequena criatura com considerável respeito, tanto que a abelha é muitas vezes usada para representar pureza, integridade, atividade produtiva e uma série de outras virtudes.

“Elas estão na Terra desde o período cenozóico, há uns cinquenta e cinco milhões de anos. E se observamos imagens das civilizações da Antiga Europa, descobrimos que junto às serpentes, as abelhas são as criaturas mais retratadas. As duas têm traços comuns: ambas vivem em locais pequenos e escuros, ambas tem veneno, e ambas saem da toca em determinadas estações do ano. Mas, enquanto as serpentes podem ser retratadas como símbolo do bem ou do mal, as abelhas quase sempre são vistas como benéficas. Elas nos oferecem o exemplo mais harmonioso de comunidade que poderemos encontrar; e têm muito a nos ensinar a esse respeito. Quando a natureza tem algo que precisa ser feito, ela cria um gênio para realizá-lo: a humilde abelha, nosso mais antigo aliado.

“O Mestre Abelha sabe que as abelhas são as mais notáveis das criaturas, alquimistas sociais e, sem sombra de dúvida, o ser mais surpreendente da natureza”, ele refletiu antes de exibir sua discreta paixão pela linguagem e pela linguística. “Em todos os tempos e lugares ela tem sido o símbolo da vida – vida como imortalidade. Na língua celta, o córnico beu, o irlandês beo, e o byw galês podem todos ser traduzidos como ‘animado’, ‘vivo’. A palavra grega bios também deve ser mencionada. Assim a abelha significa – e é uma manifestação do verbo

fundamental, em inglês, 'to be' [ser ou estar]. "Eu sou, tu és, ele é' ela declara enquanto passa zunindo.

"Se atentarmos para o mito, a abelha é uma criatura ritual de uma hoste de criaturas altivas. Para qualquer um capaz de suspender por um instante as cambalhotas da mente racional, de aceitar o mito pelo que é – não uma história, mentira ou corrupção dos fatos, mas a própria essência da verdade – não deveria ser preciso grande esforço para acessar o significado". Seus olhos me penetraram, testando para ver se eu já havia entendido. Então ele falou de novo, bem lentamente: "É, meramente, questão de escutar."

Ele nunca estimulava a audição deliberadamente, mas, não obstante, eu me percebia escutando mais intensamente quando ele falava, e sem saber conscientemente, achava que tivesse me levado para um lugar muito estranho – uma zona da alma. Ele mantinha uma combinação incomum de energia visceral por um lado, e processo de pensamento mercurial, por outro, mas temperava isso com uma certa medida de gravidade, um certo distanciamento que lhe permitia mudar alquimicamente, o metal se alterando no crisol de sua imaginação.

Ponte havia viajado muito com seu professor e presenciado Mestres Abelhas por todo o globo. Ele testemunhara – e participara – de trabalhos de aborígenes australianos, que esperam pelas abelhas junto a um buraco d'água até que a venham coletar. Então eles usam uma erva especial que exude uma goma grudenta para salpicar um pedaço de pena fofa nas costas da abelha. Isto faz com que fiquem pesadas, voem mais baixo e possam ser facilmente seguidas pela floresta até a árvore onde a colmeia selvagem está localizada; é assim que eles coletam o mel selvagem. Ponte também estagiou junto ao povo kayapó, que vive na bacia amazônica brasileira, para trabalhar com os xamãs que possuem grande habilidade para identificar diferentes abelhas sem ferrão e encontrar seus ninhos. As abelhas sempre deixam para trás o mel "para o Bep-kororoti, o grande xamã abelha que fora levado aos céus no clarão de um relâmpago". Com o tempo, escutei várias de suas aventuras, eventualmente me tornando um participante.